

**O FAZER-SE DO ESCRITOR:**

Renato Castelo Branco e sua inserção no campo literário brasileiro (1928-1938)

JOÃO CARLOS DE FREITAS BORGES\*

**INTRODUÇÃO**

Era o ano de 1938 quando Renato Castelo Branco publicou seu primeiro livro: o ensaio histórico-cultural *A Química das Raças*. A obra foi lançada pelas Edições Cultura Brasileira – editora criada por Galeão Coutinho, Mário de Andrade e Sérgio Milliet nos anos 30. Apesar de ser o primeiro livro do autor piauiense, o texto recebeu significativa crítica tanto no eixo Rio-São Paulo como em outros Estados brasileiros. O jovem Renato, que àquele momento tinha vinte e quatro anos de idade, começava ali uma trajetória de escrita que se estenderia até seus oitenta anos.

Entre romances, memórias, poemas e ensaios, foram vinte e três livros publicados<sup>1</sup>, mas apesar do significativo volume de sua obra, seus textos são extremamente desconhecidos no Brasil. Mesmo no Piauí, onde chegou a ocupar cadeira em três das mais importantes academias de letras do Estado<sup>2</sup>, os livros e a figura do próprio Renato não passam de vultos. No entanto, a despeito do caráter um tanto quanto anônimo de sua produção, Renato conseguiu inserção em um campo extremamente seletivo, em um momento em que publicar poemas e conseguir espaço no mundo das letras era algo almejado por muitos.

Renato não foi um dos escritores mais comentados de sua época. Seja nos anos 1930, quando publicou seu primeiro livro, ou nos anos 1990, quando escreveu os últimos, nunca esteve entre os membros do panteão da literatura nacional, e não é nossa intenção inseri-lo

---

\*Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Mestrando do Programa de Pós-graduação em História do Brasil da UFPI e membro do Grupo de Pesquisa “História Social da Cultura: Imprensa e Literatura”, vinculado ao CNPq.

<sup>1</sup> São elas: *A Química das Raças*, de 1938; *A Civilização do Couro*, de 1942; *Os Sertões*, de 1943; *Um Programa de Política Exterior para o Brasil*, de 1945; *Teodoro Bicanca*, de 1947; *Candango*, Gagarin e Blaiberg, de 1968; *A Janela do Céu*, de 1969. *O Piauí: a terra, o homem, o meio*, de 1970; *Pré-história brasileira - Fatos & Lendas*, de 1971; *Os Castelo Branco d'aquém e d'além-mar*, de 1980. *Tomei um Ita no Norte*, memórias, de 1981; *Rio da liberdade (a guerra do Fidié)*, de 1982; *A conquista dos sertões de dentro*, de 1983; *Senhores e escravos*, de 1983; *O Planalto*, de 1985; *Amor e angústia*, de 1986; *O Anticristo*, de 1987; *Rio mágico*, de 1987; *No reino dos bichos miúdos*, de 1989; *Domingos Jorge Velho e a presença paulista no Nordeste*, de 1990; *História da Propaganda no Brasil*, de 1990; *O Comunicador*, de 1991, e *Pátria Amada*, de 1994.

<sup>2</sup> Academia Parnaibana de Letras, Academia Piauiense de Letras e Academia de Letras do Vale do Longá.

forçadamente neste grupo. Porém, o fato de não ser tão famoso como outros de sua geração não faz dele um escritor menos importante. Renato Castelo Branco pode não ter feito parte da Academia Brasileira de Letras nem mesmo ter ganhado um *Jabuti*<sup>3</sup>, mas sua trajetória de escrita durante todo o século XX (1938-1994) faz de sua obra algo merecedor de atenção.

Os livros de Renato, além de expressarem as transformações pelas quais ele passou enquanto homem e escritor, também nos possibilitam visualizar mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas no Brasil e no mundo no momento em que emergiram. Intenso crítico da realidade em que vivia, ora pensando com o naturalismo de Euclides da Cunha e Oliveira Viana, ora escrevendo sob a égide do engajamento de Caio Prado Júnior, Renato sempre foi um questionador: dos costumes, do papel da ciência em nosso mundo, dos supostos benefícios da tecnologia, das condições de exploração em que viviam os trabalhadores de seu tempo e de outrora. Em sua trajetória Renato fez amigos, conheceu e se apaixonou por teorias, abandonou-as, e em muitos momentos até frustrou-se, mas foi através destas idas e vindas, destas oscilações, que ele se fez escritor. É sobre este processo que o presente trabalho pretende lançar luz.

Para compreender as circunstâncias através das quais Renato se tornou um homem de letras, seremos auxiliados pela noção de campo literário, tal qual é desenvolvida por Pierre Bourdieu. O “campo”, para Bourdieu, seria qualquer área de atuação do homem na sociedade que seja regida por relações de poder. Logo, o campo literário seria aquele no qual atuam as pessoas que produzem e consomem literatura, as que viabilizam a sua existência e as que analisam o que é produzido (DANTAS, 1999). O campo é formado por seus valores, e pelas regras estabelecidas pelos seus agentes. Segundo o próprio Bourdieu, ele é

*uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Estas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem a seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (situs) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse determina o acesso aos benefícios específicos que estão em jogo no campo.* (BOURDIEU, 1992: 60).

A partir desta noção mais ampla de “campo”, Bourdieu discorre sobre como isto acontece na literatura. Para ele, o campo literário

---

<sup>3</sup> O Prêmio Jabuti é o mais importante prêmio literário do Brasil. Lançado em 1959, foi idealizado por Edgard Cavalheiro quando presidia a Câmara Brasileira do Livro.

*é o lugar de lutas entre detentores de poderes (ou de espécies de capital) diferentes que, como as lutas simbólicas entre os artistas e os 'burgueses' do século XIX, têm por aposta a transformação ou a conservação do valor relativo das diferentes espécies de capital que determina, ele próprio, a cada momento, as forças suscetíveis de ser lançadas nessas lutas. (BOURDIEU, 2005: 244).*

Levando em consideração o apontado, com as suas teorizações, Bourdieu joga por terra qualquer análise ingênua da literatura. Ao contrário de outros críticos que se detêm apenas a analisar as obras em si, Bourdieu, com a noção de campo literário, aponta para os jogos de poder e as relações de força que atravessam desde o processo de concepção da obra (escolha da forma, do tema, perfis dos personagens, enredo, etc.), passando pela sua produção (processos de editoração e censura), até seu consumo (acesso ao livro, tiragem, distribuição, etc.). Considerando este conceito, nos deteremos a compreender as relações de poder que possibilitaram a entrada de Renato Castelo Branco no campo literário brasileiro. Analisaremos desde sua formação e suas influências, até as relações que estabeleceu com a crítica até o período de publicação de sua primeira obra, em 1938.

Além de Bourdieu, na intenção de perscrutar os caminhos através dos quais Renato se fez um homem de Letras, utilizaremos a noção de “*tribo*”, tal qual é desenvolvida por Dominique Maingueneau, em total consonância com as teorizações de Bourdieu. Para Maingueneau, a *tribo* seria uma espécie de grupo que constitui o campo literário, e que legitima a inserção dos sujeitos nele. Assim, daremos a ver no trabalho, que filiações teóricas e estilistas Renato adotou, e que espaços teve que ocupar para se inserir no campo literário brasileiro. Para compreender tal processo, começemos pela juventude do autor no Piauí.

## A HERANÇA DE TIO JOSÉ

Renato chegou ao Rio de Janeiro no ano de 1933. Havia acabado de concluir o ensino secundário, e era um dos quase trezentos estudantes de Direito que comporiam em 1937 a primeira turma formada pela Universidade do Brasil. Em Parnaíba, cidade do litoral piauiense onde nasceu e fez seus primeiros estudos, Renato era conhecido pelo destaque que sempre teve enquanto estudante do Ginásio Parnaibano<sup>4</sup>. Seus pais pertenciam a duas tradicionais

---

<sup>4</sup> Colégio fundado em Parnaíba no ano de 1928.

famílias piauienses – os Castelo Branco e os Pires<sup>5</sup> – que sempre estiveram imersas nas rodas sociais da cidade. Seu pai era respeitado comerciante, e foi inclusive membro da primeira diretoria da Associação Comercial de Parnaíba (ACP) – órgão que realizou significativas mudanças na cidade durante a primeira metade do século XX<sup>6</sup>. No entanto, o pai de Renato enfrentou um severo processo de empobrecimento durante toda a década de 1920, período em que passou de dono de empresa de importação e exportação, a simples guarda-livros da Casa Inglesa<sup>7</sup>.

Este período da vida de Renato foi muito marcante para ele por vários motivos. Primeiro, pela oscilação nas economias da família que fizeram com que ele se sentisse cada vez mais pressionado a assumir responsabilidades em casa; segundo, porque foi neste período que começou a fazer suas primeiras incursões literárias. Em suas memórias, Renato relembra uma carta que Celso Nunes – ex-gerente da Casa Inglesa – remeteu de volta a ele, e que ele havia enviado a Celso em 1928, pedindo a ele emprego. Segundo Renato,

*[...] ao reler esta carta, em seu pobre francês de principiante, não pude deixar de sentir a presença de uma nota pungente. Vejo um menino de quatorze anos de idade, perdido na pobreza e na esterilidade do Piauí daqueles dias distantes, inseguro quanto ao futuro, erguendo uma ingênua bandeira de luta e procurando conquistar um lugar ao sol. [...] Lembro-me ainda quando eu, jovem ginásiano, ante as dificuldades financeiras da família, resolvi ganhar um pouco, para ajudá-lo. Consegui um lugar de professor no curso primário do Instituto Propedêutico, e obtive alguns alunos particulares [...]. No fim do primeiro mês, quando recebi meus honorários, levei-os para meu pai, à maneira nordestina. Comovido, ele recusou receber minha ajuda, não por orgulho, mas por bondade. E, ao me afastar dele, percebi que chorava. (CASTELO BRANCO, 1982: 32-33).*

---

<sup>5</sup> Escritor e publicitário, Renato Pires Castelo Branco nasceu em Parnaíba, litoral do Piauí, em 1914. Filho de Francisco Ferreira Castelo Branco e Ormindia Pires de Lima Rebelo, Renato é fruto da união de duas famílias tradicionais e influentes do Piauí daquele período: os Castelo Branco e os Pires. Fez curso primário no Instituto Viveiros, em São Luís - MA; o Secundário no Ginásio Parnaibano, em Parnaíba – PI, e formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, em 1937. Durante toda sua vida dedicou-se à escrita literária, mas especificamente entre as décadas de 1930 e 1960 dividiu seu tempo entre a literatura e a publicidade. A propósito, Renato Castelo Branco é considerado por muitos, um dos pais da publicidade brasileira, estando envolvido na fundação da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo – ESPM, e de importantes órgãos ligados à categoria, como a Associação Brasileira de Propaganda – ABAP – e o Conselho Nacional de Propaganda (CNP).

<sup>6</sup> Sobre a Associação Comercial de Parnaíba ver: LOPES, A. P. C. *Crescendo como São Cristóvão: a elite agroexportadora de Parnaíba e o lugar da educação no desenvolvimento do Piauí*. In: Simpósio Nacional de História, 23, 2005, Londrina. ANAIS... Londrina: UEL, 2005. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0134.pdf>.

<sup>7</sup> Importante casa comercial da cidade.

Como demonstra a citação, Renato sofreu bastante com o empobrecimento de seu pai. Talvez essa vontade de ajudá-lo, de mudar a realidade da família, tenha sido uma das principais motivações para que ele deixasse o Piauí e fosse tentar a vida no Rio de Janeiro. Mas, apesar dos percalços causados pelo empobrecimento de sua família, Renato também lembra com muita felicidade de vários momentos de sua juventude no Piauí. De todos, o mais notável foi a relação com seu tio materno José Pires de Lima Rebelo, que foi, segundo ele, sua primeira grande influência intelectual.

Lima Rebelo – que para Renato era “tio José” – era advogado e professor do Ginásio Parnaibano. Segundo Renato, seu tio teria sido uma grande influência não só para ele, mas para toda uma geração de parnaibanos. Um homem apaixonado pelo Direito, mas um amante da história, da geografia e da literatura. Em uma cidade como a Parnaíba dos anos 1920, onde possuir livros era algo que só era possível para poucos, Renato era privilegiado pelo acesso à biblioteca de seu tio. Do positivismo, Haeckel e Comte; da França, Flaubert, Maupassant e Victor Hugo; da Inglaterra, Wilde, Byron e Shaw; e do Brasil, José de Alencar, Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis. A vasta biblioteca que ocupava vários cômodos da casa de Lima Rebelo era como um paraíso escondido para o pequeno Renato, que anos mais tarde assumiria que ao conhecê-la,

*Finalmente descobri os autores que revolucionaram meus pensamentos e minhas convicções e me deram explicações racionais para minhas dúvidas: Darwin e Haeckel, sobre as origens do homem e a evolução da espécie; Kant e Laplace sobre as origens do universo; Augusto Comte sobre a evolução da sociedade. (CASTELO BRANCO, 1981: 43-44)*

Como aponta Renato, foi na biblioteca de seu tio que ele conseguiu construir suas primeiras noções “racionais” sobre o mundo que o rodeava. Foi lá também que começou a ter contato com a literatura nacional e a produzir seus primeiros textos, que àquele momento eram publicados no jornal *O Ateneu*, órgão do Ginásio Parnaibano. Portanto, se não podemos colocar a figura de Lima Rebelo como uma influência literária para Renato, é importante considerarmos que foi ele quem incentivou e possibilitou seu acesso ao mundo das letras, apresentando ao sobrinho através de sua biblioteca aquilo que era mais lido no Brasil das duas primeiras décadas do século XX.

Se por um lado Lima Rebelo não representou uma grande influência enquanto escritor, sua postura e seu papel intelectual serviram de parâmetro para a formação do sobrinho, que mesmo depois de partir para o Rio de Janeiro sempre consultava o tio sobre decisões a serem tomadas e sobre a qualidade dos textos que produzia.

## O RIO DE JANEIRO E O MUNDO DAS LETRAS

Renato chegou à Capital Federal em janeiro de 1933. Havia passado nos testes para ingresso no curso de Direito da Universidade do Brasil, mas as motivações que o levaram ao Rio de Janeiro são elementos que devem ser por nós questionados. Apesar de ter estudado Direito por cinco anos e ter se formado na área, vislumbramos outras explicações para sua partida.

A princípio, acreditamos que esta viagem não aconteceu apenas por conta do Direito. Primeiro, porque desde 1931 já estava instalada a Faculdade de Direito do Piauí, que funcionava em Teresina, e que poderia ser muito mais viável para ele por conta da influência política de seus parentes<sup>8</sup> na capital do Estado; segundo, porque mesmo que ele não quisesse estudar em Teresina, no nordeste haveria inúmeras outras opções, como a Faculdade de Direito do Ceará, e a tradicional Faculdade de Direito do Recife. Levando em consideração os pontos citados, embora consideremos que Renato precisava do curso para amenizar os problemas econômicos de sua família, ele tinha uma motivação muito maior para estar indo ao Rio de Janeiro: a vontade de adentrar o mundo das letras. Como ele assumiu posteriormente,

*Meu sonho era o sucesso literário. Meus paradigmas eram Olegário Mariano, Ademar Tavares, Humberto de Campos, que para mim ainda não acontecera a Semana de Arte de 22. Meu grande objetivo, distante, inatingível, era a Academia Brasileira de Letras. (CASTELO BRANCO, 1981: 101)*

Como deixa claro em sua fala, apesar de ter como foco sua inserção no mundo das letras, Renato via com certo temor o percurso que precisaria traçar para alcançar seu objetivo. Talvez por isso ele tenha achado conveniente estudar Direito no Rio. Afinal, adentrar o tão

---

<sup>8</sup> Os Pires Ferreira eram uma família extremamente influente na política piauiense da primeira metade do século XX. Para isso, basta pensarmos em nomes como os do Marechal Pires Ferreira, ou de Joaquim Pires Ferreira.

sonhado mundo das letras era algo que passava necessariamente por uma certa estadia nos bancos da universidade. Mas não poderia ser qualquer universidade. Teria que ser uma universidade no Rio de Janeiro. Sobre o assunto, Teresinha Queiroz coloca que o mundo do Direito estava estritamente relacionado ao mundo das letras. Mas o sucesso literário tinha como condição principal a passagem do escritor pelo Rio de Janeiro. Publicar na Capital, receber críticas de lá, eram motivos para a projeção dos literatos locais (QUEIROZ, 2011: 446). Por esse motivo, tomar um Ita<sup>9</sup> no norte, como fez Renato, era o caminho a ser seguido por qualquer aspirante a escritor que objetivasse lograr sucesso em sua empreitada. Como afirma Teresinha Queiroz,

*Santo de casa, e, sobretudo, em casa, não faz milagres. Da mesma maneira, escritor de casa, nem em casa, ganha fama. Nunca essa forma de pensar foi tão aceita e valorizada como pelos literatos nas primeiras décadas do século XX. O sucesso, a fama, os mecanismos de projeção pessoal, são vistos como fora da alçada dos literatos locais. Há que se fazer um deslocamento espacial, pois a consecução da fama não ocorre nesse meio, esse processo ocorre fora e esse fora é um lugar determinado, é o Rio de Janeiro. [...] A crítica feita no Estado não era suficiente para elevar a obra e lhe atribuir valor, mesmo no universo local, de lhe reconhecer qualidades intrínsecas. Dessa maneira, as críticas gestadas fora do Estado, especialmente no Rio de Janeiro, tornam-se o referencial básico da importância da obra, do seu merecimento e, portanto, do merecimento de seu autor. A quase impossibilidade de acesso a esse mundo distante e fechado, portanto mitificado (e mistificado) contribui fortemente não só para o desejo de aproximação física, via estabelecimento no Rio de Janeiro, como também para a remessa das obras locais para os autores famosos, como Rui, Bilac e Taunay. (2011: 181-185).*

Durante as três primeiras décadas do século XX inúmeros literatos (ou aspirantes a literatos) piauienses se estabeleceram no Rio, como foram os casos de Cristino Castelo Branco, Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, Bugyja Britto, Berilo Neves, Martins Napoleão, Odilo Costa Filho, Leão Padilha, Leopoldo Cunha e o próprio Renato Castelo Branco. A projeção do escritor após sua inserção no seletivo meio literário carioca da qual fala Queiroz, no caso de Renato, é ratificada pela significativa quantidade de textos publicados no Piauí por ele e sobre ele, pouco tempo depois de sua mudança para o Rio. Só no *Almanaque da Parnaíba*<sup>10</sup>, entre os anos de 1932 (quando Renato estava de partida para o Rio) e 1952 (quanto já havia publicado cinco obras) foram treze artigos publicados por ele e um sobre ele. Para além deste anuário também encontramos publicações de/sobre Renato na *Revista Panorama Estudantil*

<sup>9</sup> Nesta passagem faço alusão ao nome de um navio do Lloyd brasileiro no qual Renato embarcou, e que comporia o título de suas memórias, publicadas em 1981.

<sup>10</sup> Atualmente, o mais antigo anuário ainda em circulação no Brasil, fundado em Parnaíba-PI no ano de 1924.

(1939) e no *Livro do Centenário de Parnaíba* (1944), sem falarmos que, no ano de 1942, Renato publicou um livro totalmente financiado pelo Governo do Estado do Piauí.

Sair de uma cidade do interior do Piauí e depois de pouco tempo conseguir reconhecimento enquanto escritor é algo bastante difícil se pensarmos nas condições em que Renato viveu no Rio, bem como se tentarmos visualizar o campo literário brasileiro daqueles meados da década de 1930. Segundo Alfredo Bosi (2006), a crítica, a poesia e a ficção foram totalmente renovadas pelo Movimento Modernista de 1922. No entanto, depois de 1930, a cultura brasileira já respirava outros ares. De Manuel Bandeira e os irmãos Andrade, passamos a Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo. Muitas mudanças no campo cultural ocorreram a partir das mudanças políticas e econômicas advindas “Revolução de 30”. No entanto, a compreensão das estruturas e do campo de possibilidades encontrados por Renato parra se inserir no campo literário exige de nós análise mais aprofundada.

Segundo Dantas (1999), o mercado editorial brasileiro que durante todo o século XIX esteve praticamente restrito à cidade do Rio de Janeiro, a partir das transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas nas três primeiras décadas do século XX, passa a ter em São Paulo um novo e promissor campo de atuação. Ainda segundo Dantas, “é notável o processo de profissionalização, diversificação e fortalecimento pelo qual passou o mercado editorial no Brasil e, conseqüentemente, o campo literário, desde o início do século XX”. (DANTAS, 1999: 29) Especialmente a década de 1930 foi marcante neste processo. Enfatizando este cenário de mudanças, Sérgio Miceli afirma que

*o surto editorial da década de 1930 é marcado pelo estabelecimento de inúmeras editoras, por fusões e outros processos de incorporação que ocorrem no mercado editorial e, ainda, por um conjunto significativo de transformações que acabaram afetando a própria definição do trabalho intelectual: aquisição de rotativas para impressão, diversificação dos investimentos e programas editoriais, recrutamento de especialistas para os diferentes encargos de produção e acabamento, inovações mercadológicas nas estratégias de venda (...), mudanças na função gráfica dos livros, com o intuito de ajustar o acabamento das edições às diferentes camadas do público, e, sobretudo, empenho das principais editoras em verticalizar o processo produtivo e diversificar suas atividades a cargo das diversas seções de que se compõe o departamento editorial. (2001: 148-149).*

Os “novos processos de incorporação” citados por Miceli fizeram com que o sucesso literário passasse a depender não somente do editor. As formas de inserção no campo passavam por outras relações e dependiam de outros agentes. Resenhas de obras em jornais,

visibilidade na mídia, comentários de escritores consagrados, são exemplos de novos mecanismos usados por candidatos a novos talentos para terem acesso ao mercado e ao público. Foram, *grosso modo*, estas as condições encontradas por Renato Castelo Branco quando de sua chegada ao Rio de Janeiro em 1933.

## A FORMAÇÃO DO ESCRITOR

“O Rio era ainda uma cidade do século XIX”. Foi essa a primeira impressão que Renato guardou da cidade maravilhosa nos idos de 1933. Segundo a descrição que faz, ainda prevalecia na cidade um aspecto antigo, com seus prédios em *art-nouveau*, seus palacetes em arquitetura francesa, inglesa ou italiana. Mas o espaço ocupado por Renato na crescente selva de pedra carioca não eram os bangalôs existentes na Avenida Beira-mar. Ele morava em uma pensão de estudantes no Catete, bairro que fica na Zona Sul do Rio, e que era na época uma espécie de caminho para Botafogo. Renato morava na pensão de D. Aduzinda Moreira junto com seu irmão mais velho Hiran, e seu primo José Fortes Castelo Branco. A casa que hospedava estudantes, jornalistas e viajantes ficava localizada à Rua Buarque de Macedo, nº 52.

A vida de estudante no Rio de Janeiro não era das melhores. Renato precisava de emprego para se manter e essa era uma missão difícil de se cumprir no Rio daquela época. Mas embora tolhido pelas condições em que vivia, o jovem piauiense não esquecia aquilo que almejava. Na faculdade esteve ao lado de nomes que futuramente estariam à frente de tribunais, de ministérios e de grandes empresas. Emil Farhat, Alzira Vargas – filha do então Presidente Getúlio Vargas –, Hélio Beltrão, Hélio Cabal, João Calmon, Evaristo de Moraes Filho, foram alguns de seus colegas. O ambiente universitário que àquela época era aquecido pelas imposições do Governo de Getúlio Vargas foi o espaço utilizado por Renato para sua projeção no mundo das letras. A academia, lugar legitimador da intelectualidade brasileira, serviu inicialmente como mola propulsora para que tivesse acesso àquilo que Miceli chamou de “novos processos de incorporação” do mercado editorial brasileiro.

Entre junho de 1933 e julho de 1938 foram inúmeras aparições na imprensa carioca destacando ações de Renato na poesia ou na oratória. A primeira delas foi um poema chamado *Impulso* publicado no jornal *Diário de Notícias* de 16 de junho de 1933 (CASTELO

BRANCO, 1933: 18). Nesta publicação não existe nenhuma informação adicional sobre Renato, nem sequer uma referência, mas posteriormente, praticamente todas as notícias que veicularam seu nome estiveram associadas a atividades desenvolvidas junto à Faculdade de Direito.

Seguindo os rastros deixados pelo autor nas páginas dos jornais cariocas, nos deparamos com notícias envolvendo seu nome em um torneio de oratória realizado na faculdade (SEMANA..., 1933: 9; TORNEIO..., 1933: 2; SEMANA..., 1933: 9; SEMANA..., 1933: 13; O PAIZ..., 1933: 4); nas homenagens ao aniversário de morte de Aluísio de Azevedo (HOMENAGEM, 1934: 7; HOMENAGEM, 1934: 20); na fundação da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (RESULTADO..., 1933:2; ACADEMIA..., 1933, 8); e no lançamento de seu primeiro livro (A CHIMICA, 1938: 11; A CHIMICA, 1938: 2).

A divulgação dos trabalhos de Renato através de sua atuação na Academia de Letras da Faculdade de Direito e dos jornais, representaram os primeiros passos dados no seu processo de inserção no campo literário. Tais trabalhos possibilitaram a ele o acesso às rodas literárias cariocas que lhe proporcionaram visibilidade perante os críticos e editores da época. O primeiro livro escrito por Renato se chamou *Armazém 15*, e fora concluído ainda em 1934. A obra que falava dos desafios da vida de estudante no Rio de Janeiro acabou não sendo publicada por conta das ferrenhas críticas que seu tio Lima Rebelo fez a ela. No entanto, mesmo sem um livro publicado, a ligação entre o nome de Renato e os eventos literários da academia fez com que logo após esse período (1933-1934) ele estabelecesse seus primeiros contatos com as rodas literárias.

Renato diz não lembrar exatamente quem intermediou seu contato com os grupos de escritores, mas lembra com muita felicidade os momentos em que viveu imerso naquela realidade. Os poetas e aspirantes a poetas seguiam uma espécie de ritual que tinha como espaço de execução as ruas e os estabelecimentos de lazer do Rio. A jornada do grupo do qual Renato fazia parte começava sempre no Museu de Belas Artes, na Avenida Rio Branco. O lugar era um ponto de encontro para a *intelligentsia* e para os boêmios que dali se dispersavam para os bares, *dancings*, e restaurantes da Lapa.

A roda da qual Renato fazia parte era presidida por Joaquim Ribeiro, filho do historiador e polígrafo sergipano João Ribeiro. Ao seu lado estavam inúmeras figuras que

posteriormente ocupariam lugares importantes na literatura, na academia e na política nacionais, como: Edmundo Moniz, Amadeu Amaral Jr., J. G. de Araújo Jorge, Petrarca Maranhão, Donatelo Grieco, Odilo Costa Filho, Francisco de Assis Barbosa, Rosário Fusco, Pedro Calheiro Bomfim, Guilherme Figueiredo, entre outros. Segundo Renato, a roda se dividia sempre em dois grupos hierárquicos: os *publicados* e os *inéditos*. Além deles existia um subgrupo que era composto por membros de ambos os grupos citados, que era o dos *juniors*, formado por filhos de intelectuais de renome, como eram os casos do próprio Joaquim Ribeiro (filho de João Ribeiro), de Amadeu Amaral Jr., e de Donatelo (filho do consagrado Agripino Grieco).

Joaquim Ribeiro teve importância basilar na projeção de Renato enquanto escritor. Como líder que era uma espécie de *guru*, como coloca Renato, Joaquim Ribeiro usou o espaço de uma palestra proferida na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro para apresentar à sociedade o “novo escritor”. Nas palavras de Ribeiro,

*Todos nós nascemos para contemplar a beleza, o que é, na verdade, uma finalidade sutil, deliciosa e superior. O verdadeiro sábio é justamente o homem que sabe ver aquilo que os outros não veem. A intuição é sempre uma percepção artística e instintiva das coisas, dos homens e das multidões, que nos cercam. Nenhuma outra vaidade tenho se não a de ser homem de boa intuição. Justamente por isso eu às vezes passo por adivinhador de verdades, porque amo a hipótese e a conjectura, que são maneiras de fugir a asserções categóricas. Até hoje não tenho tido a prova de meus erros, e essa imunidade me coloca a cavaleiro de receios infundados. Assim é que não receio anunciar que se encontra, entre nós, homens da cidade, um grande poeta: Renato Castello Branco. Ninguém sabe quem ele é, porque é moço ainda e ainda não publicou os seus poemas. É um gênio velado pelo ineditismo, mas é indiscutivelmente um gênio. [...] O sentido social de sua poesia não deriva de uma "pose" moderna, vem, ao contrário, espontaneamente, das profundezas do ser como uma revelação atávica inesperada. A poesia de Renato Castello Branco é uma síntese do esteio coletivo e, justamente, em virtude dessa significação revela, através de todas as imperfeições, um temperamento genial. (JULGAMENTO...,1935).*

Receber um comentário como este era algo muito importante para Renato, principalmente se considerarmos o lugar ocupado por Joaquim Ribeiro na política editorial carioca da época. Uma publicação como esta poderia abrir portas para novos trabalhos ou mesmo para a tão sonhada publicação de um livro. Mas seu sonho só se materializaria em 1938. Até lá, Renato passou por um processo de amadurecimento intelectual no interior do grupo liderado por Joaquim Ribeiro, que foi o que de certa forma deu substância à sua formação e possibilitou sua projeção.

Seguindo a hierarquia do grupo, depois de Joaquim Ribeiro vinham os *publicados*, que eram recobertos de confiança pelos *inéditos*. O membro que já havia publicado um livro tinha a autoridade de fazer críticas e até mesmo de descredenciar os trabalhos de um escritor inédito. A publicação de uma obra era como uma passagem para um status mais confortável perante os pares e funcionava, portanto, como um mecanismo de distinção dentro do grupo. Os *inéditos*, que por sua vez tinham como foco a publicação, se colocavam sempre a ouvir as recomendações dos “mais experientes”.

Tais relações de poder se inscrevem em função do capital simbólico atribuído ao homem de letras naqueles espaços. Vendo no *publicado* além de um escritor mais experiente uma ponte para o mercado editorial, o *inédito* deixava sob seu crivo seus textos. As relações de poder que se inscrevem em espaços como a roda literária são características da formação daquilo que Dominique Maingueneau chamou de *tribo*. Aliás, não só tais relações, mas além delas e principalmente, a formação de vínculos afetivos entre escritores faz parte do processo de legitimação do grupo, e possibilita a inserção daqueles no campo literário.

Embora “a existência da *tribo* não implique necessariamente a frequência assídua aos mesmos lugares” (MAINGUENEAU, 2001: 31), os literatos construía uma espécie de itinerário intelectual pela cidade do Rio. No caso do grupo frequentado por Renato, a noite começava no Museu de Belas Artes e de lá iam todos ao *Amarelinho*, famoso bar da Cinelândia.

A região era como um templo a céu aberto para aqueles jovens homens que almejavam um lugar ao sol no disputado mundo das letras. O *Amarelinho* fica ao lado do Teatro Municipal, da Biblioteca Nacional, da Academia Brasileira de Letras e do Museu de Belas Artes. Lá eles discutiam literatura, apresentavam seus textos e poemas uns aos outros, tomavam café ou *chopp*, que era a preferência dos mais endinheirados. De lá a noite se prolongava pela Lapa. Renato descreve da seguinte forma o seu percurso:

*Íamos a pé, pela Cinelândia, seguíamos a Rua do Passeio, onde os cinemas iluminados fulguravam, ostentando os cartazes dos astros de Hollywood, contrastando sua aparência de mini Times Square com o velho parque dos vice-reis e de Mestre Valentin, que se alongava em frente, em suave penumbra. Em seguida era a Lapa. Era uma transição chocante, o encontro desses dois mundos, lado a lado, a moderna Cinelândia, ponto de encontro das famílias e das donzelas, e a histórica Lapa boêmia, com seus velhos 'prédios escurecidos, seu trottoir, suas cocotes, suas mulatas, suas dançarinas, seus marujos e estudantes ruidosos.* (CASTELO BRANCO, 1981: 141-142)

A descrição de Renato dá a ver a relação ambígua que os homens de letras estabeleciam com a cidade. Se por um lado a aparição em locais elitizados, onde pudessem estar ao alcance dos olhos de uma elite, era algo necessário para a projeção do futuro literato, de outro, povoava o imaginário destes homens a ideia de que o mundo das letras estava intrinsecamente ligado à boemia e conseqüentemente a espaços mais marginais da cidade. Lapa e Cinelândia, cafés e cabarés, donzelas e raparigas, eram imagens que, apesar de antagônicas, corroboravam para a legitimação daqueles jovens escritores. Afinal, como sugere Maingueneau, não basta escrever bem para se tornar um escritor; é preciso partilhar dos símbolos e dos rituais que legitimam a prática literária e que se coadunam no espaço da *tribo*.

Da *tribo* de Renato faziam parte todos aqueles autores cuja prática de escrita, estilo ou modo de vida legitimavam sua inserção enquanto homem de letras. Depois de alguns anos de faculdade, Renato foi trocando os positivistas pelos marxistas e se deixando influenciar por outras teorias que escapavam ao naturalismo-determinismo de Darwin e Haeckel. Em 1935, as referências de Renato já eram outras: a filosofia de Nietzsche, a psicanálise de Freud e o materialismo dialético de Marx. Nas artes, seu grupo discutia os verdadeiros sentidos da Semana de 1922, ouvia as músicas de Villa Lobos e comentava as novidades produzidas por Jorge Amado, Graciliano Ramos, Zé Américo de Almeida e Raquel de Queiroz, que produziam o chamado “Romance Regionalista de 30”. Mal sabia o jovem Renato que ao lançar primeiro romance, em 1947, seria enquadrado pela crítica no mesmo grupo de seus ídolos regionalistas. De todos do grupo, o único que Renato conheceu pessoalmente foi Jorge Amado, que foi seu contemporâneo da Faculdade de Direito, e com quem vez ou outra trocava correspondência. Mesmo assim, desenvolvia enorme simpatia pela escrita de todo o grupo, de forma que a influência de seus membros pode ser claramente percebida no já citado romance de 1947 (CASTELO BRANCO, 1947).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que a vida de estudante no Rio de Janeiro fosse difícil, me parece que a vontade de Renato de conseguir espaço no mundo das letras era algo que fazia com que ele se mantivesse sempre de pé. Em 1935 quando arrumou seu primeiro emprego, a literatura não

foi deixada de lado. Renato sempre procurou juntar as suas necessidades materiais às necessidades intelectuais e por isso não deixava de escrever poemas e textos. Sem dúvida alguma foi também por conta desta “sede” por fama, dessa vontade de projeção, que Renato conseguiu rapidamente espaço na publicidade. Afinal, foi através de um poema que conseguiu seu primeiro emprego em uma agência.

Após a publicação de seu primeiro livro, em 1938, a figura de Renato já aparecia acompanhada do “Dr” que àquela época era como uma condição para se tornar homem de letras. *A Chimica das Raças* conseguiu comentários positivos de grandes nomes da crítica literária nacional, como Fernando Callage e Lemos de Brito, e, como já colocamos, foi a primeira de vinte e três obras publicadas pelo autor em sua carreira.

No Piauí, muito mais do que a simples assinatura, acompanhando os textos de Renato apareciam notas completas de “honra ao mérito”, que felicitavam o “nobre conterrâneo”. Neste primeiro momento da formação de Renato, elencamos dois fatores primordiais para que ele conseguisse o espaço desejado no tão competitivo cenário carioca: primeiro, a sua entrada na Faculdade de Direito – que possibilitou a ele tomar visibilidade como jovem escritor; e segundo, o amadurecimento obtido através do convívio nas rodas literárias cariocas – onde Renato ampliou a visibilidade conseguida através dos eventos da Faculdade, e onde conseguiu se enquadrar em uma *tribo*, viabilizando sua inserção no campo literário brasileiro.

É evidente que no decorrer de sua vida de escritor, inúmeros outros mecanismos foram utilizados para sua projeção. Até mesmo pelo fato de Renato, enquanto sujeito, ter passado por incontáveis mudanças – de ponto de vista, de *status* social – que refletiram totalmente nos conteúdos de suas obras. Há que se investigar ainda, por exemplo, de que forma o lugar ocupado por Renato na publicidade brasileira proporcionou a ele projeção enquanto homem de letras; Outra questão pungente diz respeito às relações que Renato estabelecia com a crítica a partir da remessa de suas obras.

Enfim, por mais que tentássemos enquadrar Renato em um modelo enxuto, como se crêssemos na ilusão biográfica apontada por Bourdieu em seu famoso texto (BOURDIEU, 2006), seria impossível atribuir a ele um conjunto fechado de características estilísticas que atravessaram toda sua produção. Mas se tivéssemos que apontar um tema mais presente nos oitenta anos durante os quais escreveu romances, poemas e ensaios, este tema seria o Piauí e o povo piauiense. De seus vinte e três livros, pelo menos onze falam diretamente de seu Estado

Natal. Envolvido nos problemas sociais de seu tempo, passando dificuldades no Rio, ou como um dos mais bem sucedidos publicitários brasileiros, Renato sempre falou do Piauí e de sua gente. O que o motivava? Por que mesmo depois de construir uma vida estável no eixo Rio-São Paulo, Renato nunca deixou de falar do seu Estado? Estas são questões para uma outra história...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CHIMICA das Raças. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 22 jul. 1938. Livros Novos, p. 11.

A CHIMICA das Raças. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 23 jul, p.2, 1938.

ACADEMIA de Letras da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 set. 1933. Página de Educação, p. 8.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 47 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução Sergio Miceli. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CASTELO BRANCO, Renato. Impulso. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 jun. 1933. Terceira Secção, p 18.

\_\_\_\_\_. *Teodoro Bicanca*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A, 1947.

\_\_\_\_\_. *Tomei um Ita no Norte: memórias*. 1ª Ed. São Paulo: LR Editores, 1981, p. 32-33.

\_\_\_\_\_. É preciso duvidar. In: *Amor e Angústia*. 1ª Ed. São Paulo: RR Editores, 1986, p. 23.

DANTAS, L. A. *Espaços de Visibilidade: Trajetórias possíveis no Campo Literário Brasileiro*, 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Instituto de Letras, UNB, Brasília, 2009.

HOMENAGEM. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 19 jan. 1934. *Vida Mundana*, p. 7.

HOMENAGEM. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 20 jan. 1934. *Vida Social*, p. 6.

JULGAMENTO honroso a respeito de um jovem poeta piauiense. *O Tempo*, Rio de Janeiro, 11 mai. 1935.

MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 31.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 148-149.

O PAIZ nas escolas. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 31 out, p. 4, 1933.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus. M. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do Tempo*. 3ª ed. Teresina: EDUFPI, 2011, 446p.

RESULTADO dos Concursos de Prosa e Poesia. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 18 set, p. 2, 1933.

SEMANA antialcoólica. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28 out, p. 9, 1933.

SEMANA antialcoólica. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 31 out, p.9, 1933.

SEMANA antialcoólica. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 nov, p.13, 1933.

TORNEIO universitário de oratória. *A Noite*. Rio de Janeiro, 30 out, p. 2, 1933.